

A EXPRESSÃO VERBO-TEMPORAL ROMÂNICA

Abstract

This paper presents some aspects of the verbal system concerning the forms of the verb that show the time of its action or state of being. The verbal constructions of the Romance languages are analyzed in accordance with Latin models.

Palavras-chave: *Linguística românica; mudança linguística; morfossintaxe; tempos verbais.*

O sistema de representação verbo-temporal e a sua expressão próprios das antigas línguas indoeuropeias apresentam grandes diferenças em relação aos observados no latim e, especialmente, nas línguas românicas.

No decorrer da história dessas línguas surgiram matizes temporais, em consequência da necessidade que tinham os falantes de expressar o Tempo em novas circunstâncias do seu estar no mundo.

A expressão de valores aspectuais (*Perfectum* e *Infectum*) e modais (*Desejo*, *Finalidade*, *Necessidade* e *Vontade*) deu lugar a inovações linguísticas, tal como se pode verificar nos testemunhos da linguagem familiar e popular do latim e do romance comum.

A série das formas verbais do *Perfectum* perdeu, progressivamente, o seu valor aspectual, ainda no latim, passando a ter um valor secundário de pretérito, no período pré-clássico. A construção de *habeo*, como verbo auxiliar, seguido do participípio passado passivo do verbo principal, inicialmente, era empregada para exprimir a noção de estado adquirido, em locuções cognitivas, tais como *cognitum*, *compertum*, *exploratum*, *perspectum*, *persuasum* (*haabeo*), sendo, depois de algum tempo, substituída pelo perfeito sintético, com esse valor. A autonomia das duas formas de *habeo scriptam epistolam* se mantém durante algum tempo. Só mais tarde é que ocorre a gramaticalização da perífrase verbal, tal como comprovam os exemplos do seu reflexo nas línguas românicas, com a possibilidade de se intercalarem determinantes entre o participípio e o complemento verbal, e com a falta ou a alternância de concordância de gênero e número e caso entre o participípio e o complemento verbal no romeno, no italiano, no francês e nas línguas da Península Ibérica. (Iordan, Manoliu, 1972: 323-324): fr.

ant. *Cil a ceint o ceinte l'espee* (geralmente, *Cil a l'espee ceinte*), it. *ho scritto* (ou, mais raramente) *scritta la lettera*.

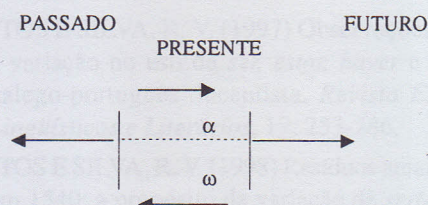
A degradação da oposição aspectual em favor da expressão do tempo pode ser melhor observada no modo indicativo, quando a significação verbo-temporal é mais evidente, atingindo a sua completude (Ernout, Thomas, 1953: 220).

Em latim, com efeito, a "arquitetura do tempo" caracteriza-se por um presente que permanece horizontal, no seu sistema de representação, segundo G. Guillaume (edit. por Valin, 1974: 220):

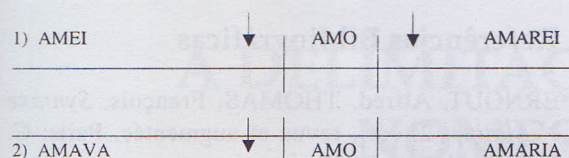
| | | |
|-------------------|----------|----------|
| | PRESENTE | |
| | AMABAM | AMABO |
| | AMO | |
| Plano do presente | ω | α |
| | ω | α |
| | AMAVRAM | AMAVERO |

Assim, um dos fatos mais importantes das línguas indoeuropeias, na óptica guillaumiana, é que as línguas românicas substituíram o presente horizontal latino por um presente vertical que lhes é próprio. Essa "revolução dimensional" deve ter ocorrido em virtude da mudança de visão de mundo que se deu na Idade Média.

Desse fato, decorrem inúmeras consequências estruturais, dentre as quais a mais importante seria a invenção do condicional ou futuro hipotético, também chamado futuro do pretérito. Trata-se da possibilidade de o futuro, sem deixar a sua posição de época, poder expandir-se, posicionando-se em contato direto com o passado, porque no próprio presente já existe uma parcela do passado, como se pode ver na representação gráfica seguinte:



Na língua portuguesa, a espacialização do tempo teria a seguinte representação, no sistema:



O desenvolvimento das épocas laterais do passado e do futuro sucede à interpretação do presente estreito. Trata-se do estreitamento de um presente infinitamente largo, como era o das antigas línguas indoeuropeias, que excluía a divisão do tempo em épocas (Valin, 1974: 158).

Dessa espacialização do tempo no sistema decorrem as inúmeras possibilidades de oposições que ocorrem no discurso, com toda a variação possível. A liberdade que se tem no discurso para empregar uma forma pela outra, muito livremente é representada pelas metáforas temporais. U. Weinrich analisa-as, a partir da conceituação dos sistemas do tempo, considerando uma divisória estrutural em dois grupos (Weinrich, 1974: 137):

- a) o grupo temporal do mundo comentado;
- b) o grupo temporal do mundo narrado.

No mundo comentado, exige-se uma postura determinada do sujeito falante, uma atitude imediata, tal como uma opinião ou uma valoração, enquanto que o mundo narrado é indiferente quanto à concepção do Tempo. Nesse último grupo, as informações veiculadas são tidas como relatos que podem ser fixadas no passado por uma data, ou no presente ou no futuro, por qualquer outro dado (Weinrich, 1974: 76).

O grupo temporal do mundo comentado abarca as expressões do presente, do passado composto e do futuro, enquanto o grupo temporal do mundo narrado, as expressões do imperfeito, do mais-que-perfeito e do futuro do pretérito (Weinrich, 1974: 96).

Dentre as metáforas temporais, a expressão do discurso direto ou estilo direto é a forma mais conhecida, quando se dá o “deslocamento” do grupo temporal do mundo comentado para o grupo temporal do mundo narrado. Nos textos medievais, a ocorrência desse fato é bastante reveladora, porém, se a edição desses textos não for criteriosa, a análise lingüística será totalmente prejudicada, porque baseada em falsas premissas. Se se comparam, por exemplo, as edições d’*A. demanda do santo graal*, a saber, a de J. Piel, que foi completada por Irene Nunes, com a de A. Magne, encontram-se várias divergências nesse particular, das quais citamos algumas, a seguir, a título de exemplo:

Sabede que adubei-o porque v[e]m Dom Lançarot do Lago sem ir comnosco (ed. de Piel, Nunes, 2, 3-4);

Sabede que adubei o por que vim: Dom Lançarot do Lago s’em ir comnosco (ed. de A. Magne).

Pardés, se vos nom cuidades seer bõ homem ou bõ cavalleiro, assi Deus me conselhe (ed. de Piel, Nunes, 2, 31-32);

Par Deus, se vos nom cuidásedes seer bõ homem ou bõ cavaleiro (ed. de A. Magne).

E elle disse: “se me Deos feze[sse] fremoso, dar-m[e]-ia bondade, se lhe prouver, ca em outra guisa valeria pouco (ed. de Piel, Nunes, 2, 34-35);

*E elle disse:
-Se me Deos feze fremoso, dar-me-á bondade, se lhe prouver, ca em outra guisa valleria pouco.* (ed. de A. Magne)

Nesse último exemplo, embora no estilo direto, a leitura de A. Magne não leva em conta que as frases são hipotéticas, não dando margem à construção em que esteja expresso o futuro de presente.

Geralmente, em todo o texto predomina a metáfora verbal do estilo direto, com alternância de tempos verbais do grupo temporal do mundo narrado (imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito):

[...] *filho, outorga-me o que te demando, que Deus te faça homem bõ. E Galaaz lho outorgou.* (ed. de Piel, Nunes, 3, 35-36)

Ainda outras metáforas temporais podem ser ressaltadas, no âmbito românico, como, por exemplo, o emprego do subjuntivo presente, para marcar a proibição (= imperativo negativo). Trata-se de um traço comum às línguas ibero-românicas e ao occitano. Na *Demanda do santo graal*, essa metáfora se acha documentada:

Dom Lançarot, nom ajades dulda de Gallaaz, [...] (ed. de Piel, Nunes, 3, 7-8).

Esse processo se cristaliza, mais tarde, como pode ser comprovado no espanhol: *no cantas, no escribas*, no catalão: *no cantis, no escriguis*, no português: *não cantes, não escrevas* e no occitano: *(non) cantes pas, (non) escrigas pas*. O francês, porém, não apresenta uma forma específica para expressar a proibição: *Tu ne chantes pas / tu chantes; tu n’écris pas / tu écris*. Nesse caso, assim como se encontra no francês antigo, o italiano emprega o infinitivo: *it. non cantare / non scrivere*.

Em catalão, está documentado o presente do subjuntivo de *dir* (‘dizer’), com função de imperativo:

L’emperador cridà a Carmesina e dix li: “Digau, ma filia, les paraules que Plaerdemavida ha dites (Tirant lo Blanch, ed. cit.).

Uma outra metáfora verbal é a que caracteriza o emprego do subjuntivo presente em todas as orações subordinadas com sentido de futuro, introduzidas por um pronome relativo ou por uma conjunção, no espanhol, tal como se acha documentado no *Cantar de mio Cid*, cujo manuscrito datado de 1307 é cópia de um texto com data provável de 1140:

"Los averes que tenemos grandes son e sobejanos / despende no los podremos mientra que bivos seamos [...]" (Cantar..., ed. cit., v. 2541-2542).

O catalão distingue-se, nesse caso, do castelhano, aproximando-se do francês, ao preferir o emprego do futuro do indicativo:

En aquell cas yo faré lo que la magestat vostra me manará (Tirant lo Blanch, ed. cit.) ('eu farei tudo o que vossa majestade me mandará').

O exame dos textos medievais permite acompanhar a trajetória das mudanças lingüísticas, através da documentação, desde a época em que se procede à hipercaracterização (ou metáfora lingüística), com o intuito de melhor compreender como se processa a sua gramaticalização.

Evidencia-se, desse modo, a necessidade e o cuidado que todos os lingüistas devem ter quando fazem a escolha dos textos que constituirão o *corpus* da sua pesquisa.

Uma escolha de textos medievais cuja lição não obedeça aos princípios da Ecdótica, ou que não esteja baseada em critérios conservadores, poderá comprometer toda a pesquisa e levar à deturpação das conclusões que serão tiradas, desvirtuando e comprometendo todo o trabalho. Ao contrário, se se tem o devido cuidado, as fontes textuais poderão ajudar o pesquisador a acompanhar as etapas pelas quais determinadas mudanças passaram e até mesmo auxiliar a comprovação de variações lingüísticas e a sua posterior cristalização como mudança.

O trabalho conjunto de filólogos e lingüistas poderá, assim, render muitos frutos, especialmente nos dias atuais, quando se testemunha o interesse cada vez

maior pela convergência de estudos sincrônicos, diacrônicos e históricos.

Referências Bibliográficas

- ERNOUT, Alfred, THOMAS, François. *Syntaxe latine*. 2. éd., revue et augmentée. Paris: C. Klincksieck, 1953.
- IODAN, Iorgu, MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística românica*. Rev., reelab. parcial y notas por Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1972.
- MAGNE, Augusto. (Edit.) *A demanda do santo graal*. Rio de Janeiro: INL, 1944. 3 v.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (Edit.) *Cantar de mio Cid*. 3. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1954. 3v.
- MOIGNET, Gérard. *Systématique de la langue française*. Ouvrage posthume publié par les soins de Jean Cervoni, Kerstin Schlyter et Annette Vassaut. Paris: Klincksieck, 1981.
- PIEL, Joseph. (Edit.) *A demanda do santo graal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988. Publicação póstuma, concluída por Irene Freire Nunes.
- RIQUER, Martin de. (Edit.) *Tirant lo Blanch*. Barcelona, 1947.
- VALIN, Roch (Edit.) *Leçons de linguistique de Gustave Guillaume*. Québec / Paris: Les Presses de l'Université Laval / C. Klincksieck, 1974.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Vers. esp. de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1968.
- WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Vers. esp. de Federico Latorre, Madrid: Gredos, 1974.